

, da CannAzores produzir cânhamo e cânábis em grande escala”

Cânhamo e Cânábis, nos dias 29 e 30 de Outubro, no Pavilhão das Portas do Mar.

Legal Canapa Shop, em parceria com o Governo dos Açores, a Associação de Agricultores Terra de Portugal, chef Danny Raposo e Conselheiro Matthew Correia, do Canadá, Lusicanna e Iniplas aplicações sustentáveis do cânhamo e da cânábis, nas áreas da construção civil, culinária, bio-plástico, lítio, biocombustível, cosmética, saúde e bem-estar, etc., a CannAzores assume a produção dos benefícios destas plantas no desenvolvimento humano, crescimento económico, sustentabilidade ambiental e cânábica; comida e bebidas com cânhamo. Em resultado da parceria com Eric Boone, promotor da música reggae e Tuna Académica, patrocinado pelo Seattle Hemp Fest e a empresa MeristematiX. Foi numa entrevista ao nosso jornal para explicar com mais pormenores o evento.

Quais as suas aplicações atualmente?

Mostra a ciência que a planta da cânábis encerra um número vasto de subespécies, sendo as principais a Indica, a Sativa e a Ruderalis.

Cada uma delas com elevada diversidade, fruto dos processos naturais de polinização ou cruzamento experimental.

As plantas entre si podem apresentar características diferentes, destinando-se a utilizações também distintas.

Existem as variedades ricas em fibras e níveis de THC baixos para uso industrial (denominado Cânábis Sativa L ou Cânhamo Industrial).

A fibra serve para a construção civil, indústria têxtil, automóvel e de aviação, papel, cordoaria, bioplásticos, biopolímeros.

A flor e/ou biomassa, ricas em fitocannabinóides não-psicotrópicos (CBD, CBG), são usadas na indústria cosmética, suplementação alimentar, horticultura, vaporização e a semente ao serviço da indústria alimentar humana e animal, biodiesel, cosmética, entre outras aplicações.

As plantas com níveis de THC mais elevados desempenham um papel importantíssimo na área da cânábis medicinal.

Também os fitocannabinóides não psicotrópicos são cada vez mais receitados por profissionais de saúde e cada vez mais procurados pelas pessoas à escala mundial.

Os Açores estão bem posicionados para a plantação e uso? De que forma?

Apesar do proibicionismo que nos acompanha há mais de meio século, motivado pelo surgimento de outras indústrias e interesses de natureza político-social, o cultivo e o consumo nunca pararam no mundo.

Portugal já foi um importante produtor de cânhamo, por exemplo,

o que nos permitiu fazer face aos desafios das Descobertas marítimas, por exemplo.

Crê-se que os Açores também já produziram cânhamo e, por essas ilhas, sempre houve cânábis, muita dela trazida pelos combatentes vindos das ex-colónias.

Há evidências de que os Açores têm condições de cultivo, pelo que já deveríamos estar a produzir cânhamo em grande escala e cânábis, seguindo quer num caso quer no outro a legislação europeia (e não a Portuguesa que ainda apresenta limitações e incongruências, até do ponto de vista científico, que prejudicam todo o sector).

É importante lembrar que o Governo dos Açores, desde a I Edição da CannAzores, se colocou ao lado dos cientistas e profissionais do ramo, demonstrando interesse em criar condições para que a Região encontre o seu lugar no roteiro do cultivo do cânhamo, com vista ao desenvolvimento económico das ilhas e expansão de novas indústrias, criação de mais emprego e mais oportunidades de distribuição de riqueza.

Estão a abrir lojas nos Açores exclusivamente dedicadas a estes produtos. Perspectiva mais negócio na região?

O crescimento deste sector é uma tendência nacional e internacional.

Em Portugal já existem mais de 200 lojas com produtos de cânhamo, ou seja, ricos em cannabinóides e muito pobres em THC.

Estes produtos, adquiridos legalmente noutros países do mercado comum europeu, com certificação e controle de qualidade, têm milhares de utilizações e desempenham um papel importantíssimo no bem-estar e qualidade de vida das populações, sem quaisquer riscos para a saúde pública.

Recordo que estas lojas são considerados de interesse público pelo governo central.

Em plena pandemia, quando tudo ou praticamente tudo fechou, estes espaços comerciais continuaram abertos, servindo a procura cada vez maior dos clientes.

Ilustrando com o meu caso pessoal, recordo que, desde 2019, sou proprietária de uma empresa deste tipo, sendo um dos principais objetivos, para além da organização de eventos e formação especializada nesta área, a criação de novas lojas a partir do Master Franchising que detenho de uma marca italiana conceituada - Legal Canapa Shop.

Neste momento, temos em carteira a análise de várias propostas para abertura de novos espaços da Legal Canapa Shop em diferentes ilhas dos Açores.

O que é que falta para a expansão e popularidade da plantação e uso em Portugal?

Mais fóruns como a CannAzores e CannaPortugal para partilha de conhecimento, práticas e projetos.

Mais coragem política para mudar as leis obsoletas e discriminatórias em vigor em Portugal que se encontram ao serviço de interesses corporativistas, sem atender ao facto de que o cânhamo, em particular, e a cânábis, em geral, correspondem a um Direito Humano.

Urge liberalizar o seu acesso, legalizar e descriminalizar a cânábis recreativa, de uso adulto.

Isto significa que é preciso retirar das cadeias indivíduos, de ambos os sexos, presos por consumo, cultivo ou posse de cânábis, como já está a acontecer em muitas partes do mundo.

Ora se a ciência diz que a cânábis não é uma droga, que os seus benefícios suplantam largamente alguma situação delicada que advenha do seu

uso abusivo, se nos alerta para o facto de que a cânábis é fonte de riqueza para elites privilegiadas e milhares de investidores, como justificar que os mais pobres e desprotegidos estejam presos.

Libertá-los é uma questão premente de justiça social.

É urgente também que haja, no todo nacional e nas ilhas, mais cultivo, mais investigação e disponibilidade mental para uma mudança de paradigma com base na ciência.

Assumir, hoje em dia, uma posição de confronto e negação dos benefícios da cânábis e da necessidade de um controle governamental dos níveis de THC da cânábis, da sua comercialização legal e comparticipação dos doentes que beneficiam desta planta e seus derivados, é estar do lado errado da história, é persistir na ignorância, é desrespeitar um direito que assiste ao planeta a implorar por mais sustentabilidade, à humanidade que precisa de alimento e remédio para um conjunto imenso de doenças que, na medicina convencional, não encontram os benefícios que esta “planta sagrada” sozinha oferece.

E tratando-se de uma planta oferecida pela mãe-natureza às populações do mundo é inadmissível que determinadas indústrias queiram dominar para seu proveito próprio aquilo que deve ser de todos.

Por isso é importante que os governos assumam as suas responsabilidades, simplifiquem as regras para o cânhamo industrial, deixem os agricultores cultivar como o fazem naturalmente com outras hortícolas, e legalizem a cânábis medicinal com níveis mais elevados de THC, permitam a sua distribuição junto de quem precisa e eduquem a população para o uso responsável desta planta.